



Luis Suárez: o herói uruguaio da Copa do Mundo de Futebol de 2010¹

Romulo Siqueira²
Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

O esporte se apresenta como um campo fértil para o surgimento de heróis e mitos dentro da sociedade atual, e um excelente exemplo disso foi visto na Copa do Mundo de Futebol este ano. Se trata de um estudo de caso dentro do campo heróico e mítico correlacionando com a vida de um atleta e a mídia, sobre o atacante uruguaio Luis Suárez e a sua defesa com as mãos, que evitou o gol que desclassificaria sua seleção na competição.

PALAVRAS-CHAVE: Luis Suárez; mito; herói; esporte; mídia.

Introdução

O Atacante Luis Suárez foi considerado o herói da classificação uruguaia para a disputa da semifinal na Copa do mundo este ano após usar as mãos para impedir o gol do time de Gana, e foi mostrado como tal em reportagens de jornais com veiculação nacional como a Folha de S. Paulo. Mas por que ele é considerado um herói? Quais os mitos do imaginário social que envolvem este tipo de situação dentro do esporte? Este estudo pretende abordar as diversas variáveis vinculadas à relação entre o atleta, a mídia e a mitologia neste confronto entre Uruguai e Gana nas quartas de final da última Copa do Mundo.

Mito, Herói, Atleta e a Mídia

Quando se fala em herói, pensamos praticamente nos personagens do passado e principalmente nos gregos como Hércules e Perseu, mas podem existir heróis modernos, desde que obedeçam alguns requisitos padrões inerentes a todos que possam vir a pretender deixar suas marcas na história.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora.
Realizou um ano de intercâmbio na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
Graduando do último semestre de Jornalismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.
Membro do Nupesc - Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora vinculado ao CNPq, email: siqueiraromulo22@yahoo.com.br.

[...] existe uma certa sequência de ações heróicas, típica, que pode ser detectada em histórias provenientes de todas as partes do mundo, de vários períodos da história. Na essência, pode-se até afirmar que existe senão um herói mítico, arquetípico, cuja vida se multiplicou em réplicas, em muitas terras, por muitos, muitos povos. (CAMPBELL, 2008, p. 145)

A criação desses personagens acontecem de várias formas, obedecendo às transformações da humanidade que está em constante mudança e evolução, e os heróis de cada era estão em concordância com essa digressão histórica.

[...], a idéia de herói é dinâmica e adequada à concepção de homem e de mundo. Sustentar que só o personagem do tipo homérico, por exemplo merece esse adjetivo significa postular uma visão de humanidade linear, é acreditar que os modos de vida não se transformam e que nossa existência deve ser um constante retorno às formas de vida do passado. Limitar a existência do herói a tipos humanos do passado é como exigir que em nosso tempo se escrevam epopéias nos moldes das tragédias. (RÚBIO, 2001, p. 93)

O herói moderno é criado pela mídia que constrói essa ponte entre os estádios e a população, já que é o principal meio de difusão dessas mensagens através dos mais diversos veículos de comunicação.

O mito, dentro da sociedade, faz com que as pessoas busquem novos horizontes, mostrando novos valores e situações onde o ser humano busca algo que ainda não sabe o que é, mas pensa ser indispensável para que sua felicidade seja alcançada e seu desejo suprimido. No esporte é fácil identificarmos isso ao observar um torcedor se emocionando por determinada equipe no decorrer de uma partida.

[...] é certo que o mito, que ocupa um lugar no ponto extremo da superestrutura da sociedade e da atividade do espírito, responde, por natureza, às mais diversas solicitações, e isso simultaneamente, de tal forma que elas se imbricam nele de um modo *a priori* bastante complexo e que, por conseguinte, a análise de um mito a partir de um sistema de explicação, por bem fundamentado que ele esteja, deve deixar, e deixa com efeito, uma impressão de insuficiência inultrapassável, um resíduo irreduzível a que temos a tentação imediata de atribuir – por reação – uma importância decisiva. (CAILLOIS, 1938, p. 17-18)

Ele sempre deixa um sentimento de vazio, sempre buscamos mais informações daquele ou outro mito, dificilmente ficamos satisfeitos com o que já sabemos a respeito da sua história. As pessoas sempre querem saber mais a respeito da sua modalidade esportiva preferida, suas peculiaridades, os bastidores, e curiosidades na tentativa de saciar a inquietude da sua alma.

[...] é claro, a quem quer que tenha um conhecimento dos mitos que eles são conduzidos simultaneamente do interior, através de uma dialética específica de autoproliferação e de autocristalização que constitui em si mesma o seu próprio motivo e a sua própria sintaxe. O mito é o resultado da convergência destas duas correntes de determinações, o lugar geométrico da sua limitação recíproca e da confrontação das suas forças: devido a uma necessidade interna, ele é feito da informação, das exigências e dos dados exteriores que ora propõem, ora impõem, ora dispõem, de modo que, sem nada que pareça contrabalançar o seu papel, pareceram, quase constantemente, bastar para justificar os mitos, sem necessidade de inventário, apesar da insatisfação que sempre deixam. (CAILLOIS, 1938, p. 20)

São formados também através da deficiência que existe na própria linguagem de transmitir e retransmitir o fato exatamente como ele ocorreu, levando a modificações na estrutura dos acontecimentos e gerando falsas interpretações nas conclusões. Esse fato é crucial para entendermos que por mais que tentemos comunicar algo como ocorreu exatamente não conseguiremos, já que as palavras podem mostrar ambiguidades, e por isso mesmo devemos nos comprometer com a intenção de passar a verdade através da mídia, pois se já é difícil transmitir a mensagem compromissado com a verdade, o resultado ao manipulá-la aliada a outros interesses terá um resultado desastroso.

Entre os filósofos foi especialmente Spencer quem tentou provar a tese de que a veneração mítico-religiosa dos fenômenos naturais tais como o Sol e a Lua, tinha sua origem somente numa falsa interpretação dos nomes conferidos a este tipo de fenômeno. Entre os filólogos, foi Max Müller quem empregou a análise filológica não só como meio para revelar a natureza de certos seres míticos, sobretudo no âmbito da religião védica, mas também como ponto de partida para sua teoria geral da conexão entre a linguagem e o mito. O mito não é, para ele, nem a transformação da história em lenda fabulosa, nem uma fábula aceita como histórica; e, tampouco, surge diretamente da contemplação das grandes configurações e poderes da natureza. Tudo a que chamamos de mito, é, segundo seu parecer, algo condicionado e

mediado pela atividade da linguagem: é, na verdade, o resultado de uma deficiência lingüística originária, de uma debilidade inerente à linguagem. Toda designação lingüística é essencialmente ambígua e, nesta ambigüidade, nesta “paronímia” das palavras, está a fonte primeva de todos os mitos. (CASSIRER, 1992, p. 18)

Entre os mitos, existe um, que está sempre em busca do novo e do que lhe agrada, seria um tipo de patamar mais elevado onde o ambiente será mais agradável e menos hostil do que o atual. É o que podemos ver atualmente com os jogadores de futebol, por exemplo, onde o sonho deles é se transferir para algum clube na Europa onde os índices de violência são menores e teoricamente as pessoas possuem um padrão de vida melhor do que muitos países. Ao voltar o jogador muitas vezes sente dificuldades em se readaptar ao meio em que cresceu durante a juventude.

Existe um certo tipo de mito que pode ser chamado de busca visionária, partir em busca de algo relevante, uma visão, que tem a mesma forma em todas as mitologias[...]. Todas essas diferentes mitologias apresentam o mesmo esforço essencial. Você deixa o mundo onde está e se encaminha na direção de algo mais profundo, mais distante ou mais alto. Então atinge aquilo que faltava à sua consciência, no mundo anteriormente habitado. Aí surge o problema: permanecer ali, deixando o mundo ruir, ou retornar com a dádiva, tentando manter-se fiel a ela, ao mesmo tempo em que reingressa no seu mundo social. Não é uma tarefa das mais fáceis. (CAMPBELL, 2008, p. 137)

Difícilmente consegue-se caracterizar o mito com apenas uma definição, tampouco é a intenção fazê-lo neste trabalho, porém é possível assimilar sua idéia geral. Como diz Campbell (2008), podemos no máximo chegar perto do significado, não sabemos ainda sequer o que é um átomo ao certo, nem a fonte da vida, podemos chegar no máximo ao limiar da superfície do que pode ser conhecido. Porém o vínculo existente entre o mito e o esporte é com certeza muito forte.

Os heróis da antiguidade eram vistos como pessoas que faziam o impossível virar realidade ou os responsáveis por algo que os outros não eram capazes de realizar. O protagonista de tais atos pode ser considerado alguém que foge ao comum, alguém que não se enquadra no sistema e busca soluções fora dele. Se compararmos com um jogador de futebol ele se enquadraria no jogador que, por exemplo, ao desrespeitar um

esquema tático por alguns instantes, ao enfrentar um obstáculo que aparentemente deixou os outros jogadores imobilizados, consegue marcar o gol da vitória.

Assim se explica que um tema mítico nunca seja apanágio exclusivo de um herói, que as relações entre uns e outros sejam, pelo contrário, permutáveis.

Não se pode, pois, distinguir *a mitologia das ações e dos heróis*. As situações míticas podem então ser interpretadas como a projeção de conflitos psicológicos (que cobrem, frequentemente, os complexos da psicanálise) e o herói como a do próprio indivíduo: imagem ideal de compensação que tinge de grandeza a sua alma humilhada. O indivíduo surge, com efeito, atormentado por conflitos psicológicos que variam naturalmente (mais ou menos, de acordo com a sua respectiva natureza), com a civilização e o tipo de sociedade a que pertence. Na maior parte dos casos, ele encontra-se inconsciente destes conflitos, visto que são, geralmente, parte integrante da própria estrutura social e resultado da coação que ela exerce sobre os desejos elementares. Pela mesma razão, e mais grave, o indivíduo encontra-se na impossibilidade de sair dos seus conflitos, visto não poder fazê-lo senão através de um ato condenado pela sociedade e, por conseguinte, por si próprio, cuja consciência está fortemente marcada e constitui, de algum modo, a garantia das interdições sociais. O resultado é ele ficar paralisado face ao ato tabu, delegando a sua execução ao herói. (CAILLOIS, 1938, p.23)

Sendo um ser humano extraordinário o herói atrai para ele a atenção e os holofotes dos seres comuns que se espelham nele para se motivar e aprender com a experiência de alguém que realiza feitos em benefícios dos outros. Muitas vezes percebemos isto no esporte quando um atleta morre enquanto está treinando ou competindo pelo seu país comovendo muitas vezes toda a nação.

Mesmo nos romances populares, o protagonista é um herói ou uma heroína que descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo. (CAMPBELL, 2008, p.131)

Normalmente existe um ciclo de eventos que molda a história de um herói em que ele precisa passar por várias provações em vários períodos de tempo para que consiga deixar suas marcas. No esporte é representado pelo atleta que vai em busca dos melhores torneios, atinge o seu ápice e reconhecimento da sociedade e volta com as



glórias de ter vencido nos testes propostos, dificilmente pode ser contestado e traz consigo o respeito atribuído aos vencedores.

A façanha convencional do herói começa com alguém a quem foi usurpada alguma coisa, ou que sente estar faltando algo entre as experiências normais franqueadas ou permitidas aos membros da sociedade. Essa pessoa então parte numa série de aventuras que ultrapassam o usual, quer para recuperar o que tinha sido perdido, quer para descobrir algum elixir doador da vida. Normalmente, perfaz-se um círculo, com a partida e o retorno. (CAMPBELL, 2008, p.131-132)

Apenas aquele que mostre condições de superar as adversidades e se mostre capaz conseguirá elevar seu *status*. É importante que não deixe nenhuma incerteza quanto a isso, pois as futuras provações lhe serão permitidas somente se ele adquirir a confiança necessária, e isso pode ser visto frequentemente quando um reserva ganha a chance no time titular em momentos decisivos, já que ele só jogará se tiver crédito com os companheiros de time e a comissão técnica. Dificilmente veremos uma seleção nacional jogar apenas com reservas de seus times de origem em uma competição de renome, já que não possuem ainda a fé de todos de que podem vencer os obstáculos propostos.

Se você colocar as coisas em termos de intenções, as provações são concebidas para ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói. Será que ele está à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir? (CAMPBELL, 2008, p.133-134)

O herói é aquele que intercede a favor de outrem defendendo o que acredita ser correto. Sendo que no esporte isso é identificado quando os atletas lutam sob as bandeiras das entidades que representam, por exemplo, existem aqueles jogadores que algumas vezes misturam sua identificação com o time ao defendê-lo por muito tempo dentro de um certo período, raro nos dias atuais, e até servindo de escudo contra a mídia quando o time não atinge o resultado esperado.

O objetivo moral é o de salvar um povo, ou uma pessoa, ou defender uma idéia. O herói se sacrifica por algo, aí está a moralidade da coisa. Mas, de outro ponto de vista, é claro, você poderia dizer que a idéia



pela qual ele se sacrificou não merecia tal gesto. É um julgamento baseado numa outra posição, mas que não anula o heroísmo intrínseco da proeza praticada. (CAMPBELL, 2008, p.135)

Em algumas situações ele simplesmente é introduzido em uma determinada empreitada onde tem que incorporar a moral e emprestar sua força para a causa. Podemos ver isso muitas vezes quando os atletas mudam de clube ou até mesmo nacionalidade e precisam defender a ideologia da entidade que o recebeu abdicando de antigos objetivos e assimilando novos desafios.

Depois existem aventuras às quais você é lançado — como alistar-se no exército, por exemplo. Não era sua intenção, mas de repente você se vê ali. Você enfrentou morte e ressurreição, vestiu um uniforme e se tornou outra criatura. (CAMPBELL, 2008, p.137)

O herói dentro do esporte agrega valores, e os transfere para seus times, trazendo com ele uma moral inquestionável e um sentimento de que com ele existirá maior esperança em futuros combates quando a situação estiver crítica, e todos os outros jogadores “normais” fiquem imobilizados diante do desafio de vencer.

Os atletas são, em sua definição clássica, aqueles que exercitavam seus corpos com intuito de prepará-los para as guerras que, diferente das atuais, usavam muito o combate a curta distância com uso de armaduras, espadas e escudos. Durante os intervalos das guerras realizavam competições entre os povos, sendo que qualquer combate fora do âmbito esportivo estava proibido durante o evento.

Diferentemente do atleta da Antiguidade, que tinha sua preparação física e atlética como um elemento da sua educação e da sua formação enquanto cidadão, cujos desdobramentos eram a preparação para a guerra e a proteção da pólis, associando os papéis de esportista e guardião, o atleta de alto rendimento na atualidade tem sua imagem vinculada ao espetáculo e ao lazer. Seus feitos são capazes de levar multidões a estádios e ginásios em momentos de espetáculo, ou causar dor e comoção coletiva em caso de acidente ou morte. (RÚBIO, 2001, p. 97-98)

Não é fácil se tornar um atleta, pois a pessoa que se submete a este tipo de vida tem que aceitar condições severas, se comparadas com as pessoas “normais”, e levar uma vida regrada e sem excessos. Por isso muitas vezes observamos torcedores

enfurecidos com atletas que não seguem essas condições, e prejudicam seu condicionamento físico ao frequentar muitas festas e/ou até consumir “drogas”. Levando desse modo até a se questionar o valor moral do atleta, causando-lhe punições como a reserva no time ou até o desligamento da seleção nacional.

[...], submetido a uma rotina desgastante de treinos e jogos, o atleta se vê envolvido por questões como a ausência de contato com a família, super-exposição na mídia e a impossibilidade de admitir – para si e para o público – suas fragilidades, angústias e incertezas, posto que ainda que uma figura mítica, nosso herói contemporâneo não habita o Olimpo nem bebe da ambrósia com os deuses, mas estabelece relações afetivas e sofre com os transtornos que cercam a vida de um atleta que também é cidadão. (RÚBIO, 2001, p. 98)

Esses profissionais do esporte ao se enfrentarem, trazem a simbologia dos antigos combates entre os exércitos para suas partidas onde podem se tornar heróis ou vilões.

O atleta de elite dos dias atuais precisa encontrar o equilíbrio entre a vida íntima e a vida no esporte, pois como profissional, ele necessita do dinheiro ganho com sua performance e quanto melhor for ela maior será seu rendimento sendo que o inverso também é verdadeiro. Para isso, é preciso que transmita uma imagem austera e positiva principalmente para a mídia, já que será também através dela que ganhará a confiança necessária para disputar os melhores campeonatos e ganhar os melhores salários.

A mídia assume um papel essencial na produção e manutenção dos mitos e heróis, pois atualmente é ela, a principal responsável pelo transporte das informações a respeito dos eventos esportivos para a população através de seus meios de comunicação, mais que isso, de forma inédita com suas ferramentas, promove e acelera as transformações na sociedade e consequentemente também afeta o esporte.

Segundo Whannel, apud Rúbio (2001), o esporte tem sido prodigamente apresentado como metanarrativa: a mídia narra os eventos esportivos transformando-os em histórias com estrelas, personagens, heróis e vilões. E neste processo de construção de audiência estão estrategicamente posicionadas as questões nacionais e patrióticas reveladas em práticas discursivas que tocam em questões da identidade de um povo ou nação. Por isso é preciso estar atento a apelos como “nós vencemos ou venceremos” ou “nossos atletas” estão competindo para ganhar, largamente utilizados por locutores televisivos, e frequentemente visto na última Copa do Mundo. Para Bourdieu (1997),



isso se reflete em um modo de criar embates entre diferentes nações e seus respectivos campeões com o objetivo de satisfazer o orgulho nacional.

Conclusão

Este estudo foi baseado principalmente em autores como Cassirer, Campbell, Caillois e Rúbio, que mostraram através de suas abordagens, a função de alguns desses elementos que formam o imaginário social dentro e fora do esporte.

Após a análise das diversas formas de se definir um atleta como herói dentro do universo mítico e midiático, percebe-se que dificilmente um atleta mediano é capaz de tornar-se um herói, a menos que ocorra algum golpe de sorte, o que é raro no esporte de alto rendimento.

Devido ao ocorrido no jogo específico entre Uruguai e Gana, em que um atacante utilizou as mãos para impedir que a bola entrasse no seu gol no momento que mais ninguém poderia fazê-lo, fica claro que o atacante do Uruguai, Luis Suárez, pode ser considerado um herói, já que neste jogo específico, abdicou de seus valores morais ao fugir às regras do futebol, o que poderia depreciar sua imagem. Isto engrandece ainda mais o seu feito, pois, segundo Caillois (1938), o atacante fez algo que apenas aqueles incapazes de realizar atos heróicos fariam, ou seja, cometer uma infração. E fez isso, mesmo sendo um jogador que elevou seu *status* durante a competição e correu o risco de perdê-lo com intuito de salvar o seu time.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Os Jogos Olímpicos**. In: *Sobre a televisão: a influência do jornalismo*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1997. p. 123-128.

BULFINCH, T. **O Livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. 16. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. 26. ed. São Paulo: Palas Athena, 2008.

CAILLOIS, R. **O mito e o homem**. Lisboa: Edições 70, 1938. 137p

CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.



RÚBIO, K. **O imaginário esportivo contemporâneo: o Atleta e o Mito do Herói**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

VERNANT, J.-P. **Mito e religião na Grécia antiga**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

Site Consultado

Punição pode tirar da Copa herói da classificação uruguaia. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/761332-punicao-pode-tirar-da-copa-heroi-da-classificacao-uruguaia.shtml>>. Acesso em 10 de julho, 2010, às 10h00.